

O DILEMA SÓCIO-ESPACIAL NA BANLIEUE PARISIENSE: O CASO DE CLICHY-SOUS-BOIS SOB A ÓTICA DOS ALUNOS DO LYCÉE ALFRED NOBEL

Zélia AUREA Thomaz*

27

27

Resumo: A comuna de Clichy-sous-Bois foi o principal palco dos levantes populares ocorridos na França no ano de 2005, revelando ao mundo a difícil integração dos imigrantes oriundos das ex-colônias francesas e de suas gerações nas periferias (*banlieues*) da cidade de Paris. Em um intrincado contexto envolvendo questões de cunho religioso, identitário e nacionalista, uma sondagem inicial com os alunos da escola pública Alfred Nobel em Clichy-sous-Bois nos permite levantar algumas interrogações rumo a uma pesquisa de maior fôlego.

Palavras-chave: integração social, migração, periferia, Clichy-sous-Bois, Liceu Alfred Nobel.

THE SOCIO-SPATIAL DILEMMA IN PARIS BANLIEUE: THE CLICHY-SOUS-BOIS' CASE FROM THE ALFRED NOBEL SCHOOL'S STUDENTS PERSPECTIVE

Abstract: Clichy-sous-Bois commune was the main location where riots took place in France *banlieue* in 2005. These events revealed to the world the hard integration process suffered by immigrants originated from the oldest colonies of France and their offsprings inside the Paris outskirts (known as "*banlieues*"). Considering this complex background involving issues related to religion, identity and nationalism domains this preliminary survey allows to raise some questions for a future detailed research.

Keywords: social integration, migration, periphery, Clichy-sous-Bois, Alfred Nobel High School.

LE DILEMME SOCIO-SPATIAL DANS LA BANLIEUE PARISIENNE: LE CAS DE CLICHY-SOUS-BOIS SOUS LE REGARD DES ÉLÈVES DU LYCÉE ALFRED NOBEL

* Licenciada em Geografia pela Universidade Federal Fluminense – Campos dos Goytacazes. Integrante do Grupo de Pesquisa *Território e Cidades* coordenado pela professora Silvana Cristina da Silva. Email: zeliaaurea@id.uff.br

Résumé: La commune de Clichy-sous Bois a été le principal site des mouvements populaires qu'ont été lieu en France en 2005, ce qui a montré au monde les difficultés d'intégrer les immigrants en provenance des anciennes colonies françaises et ses fils nés en France dans les banlieues de la ville de Paris. Dans un contexte compliqué autour des questions religieuses, identitaires et nationalistes, un sondage préliminaire auprès les élèves du Lycée Alfred Nobel à Clichy-sous-Bois nous permet de soulever quelques questions vers une recherche de longue haleine.

Mots-clés: intégration sociale, migration, banlieue, Clichy-sous-Bois, Lycée Alfred Nobel.

Introdução

A influência e a dominação por muito tempo exercidas pela França sobre suas colônias demonstra que a estrutura de poder geopolítico é uma realidade complexa. Tanto antes quanto depois da independência das colônias francesas, a população imigra para a antiga metrópole, pois acredita encontrar melhores condições de vida e justiça social. Entretanto, se para os recém-chegados os desafios econômicos são notórios, a questão da convivência com a população local vai, aos poucos, assumindo ares dramáticos. A dimensão simbólico-cultural entre grupos distintos cria uma série de tensões, de modo que não é exagero sustentar a conflagração de uma crise entre a pluralidade das tradições nacionais e a unidade da cultura europeia, que atribui um novo status às diferentes identidades regionais, nacionais, religiosas e culturais que a constituem (NOIRIEL, 2007:199).

Em 2005, Clichy-sous-Bois — área periférica das mais precarizadas denominada Zona Urbana Sensível (ZUS) e onde grande parte da população possui menos de vinte e cinco anos — tornou-se uma comuna emblemática, pois foi palco da morte de dois jovens *clichois* perseguidos pela polícia francesa e, conseqüentemente, o estopim para levantes sociais não só nas numerosas comunas periféricas de Paris, mas, também, em toda a França. No intuito de chamar atenção das autoridades, jovens atearam fogo em pouco mais de nove mil carros, segundo o levantamento realizado pelo Ministério do Interior (COSNAY, 2010) fato noticiado diversas vezes pela imprensa francesa e mundial como a “Intifada das Cidades” (ROY, 2006).

Clichy-sous-Bois localiza-se no departamento do Seine-Saint-Denis (mais conhecido por ser o departamento número 93) a quinze quilômetros de Paris, e sua população, embora admita mais de cem nacionalidades, caracteriza-se pelo predomínio de imigrantes magrebinos (CLICHY-SOUS-BOIS, 2014a). Segundo dados do INSEE (2012), 19% da população situada na região de Île-de-France, onde está o departamento do Seine-Saint-Denis, é formada por imigrantes. É, sobretudo, no departamento administrativo de Seine-Saint-Denis que a proporção de imigrantes é maior, representando 27% da população (INSEE, 2012a).

No mês de março do ano de 2014, tivemos a oportunidade de realizar um trabalho de campo em Clichy-sous-Bois. Com destaque para a aplicação de um questionário em uma escola pública local, aliada ao levantamento de dados contidos em documentos oficiais como aqueles fornecidos pelo Institut National de la Statistique et des Études Économiques (INSEE), pela própria Prefeitura de Clichy-sous-Bois e pelo Bilan do Lycée Alfred Nobel (documento mais ou menos semelhante ao Projeto Político-Pedagógico das escolas brasileiras), as linhas a seguir não têm outra pretensão senão a de tentar extrair, sob o olhar dos jovens que vivenciam a comuna de Clichy-sous-Bois, como ocorre a integração sócio-espacial e cultural para aqueles que possuem uma referência familiar, identitária e nacional diferente dos cidadãos ditos franceses legítimos.

Economia, território, identidade: a luta pela sobrevivência em Clichy-sous-Bois

Segundo dados do Institut National de la Statistique et des Études Économiques (INSEE, 2012a), a França conta atualmente com 5,3 milhões de imigrantes e 6,7 milhões de descendentes de imigrantes. Conforme lemos no relatório do INSEE:

O desenvolvimento rápido da imigração argelina começou no início dos anos 1950 e prosseguiu nas décadas seguintes. De 554.000 em 1975, o número de imigrantes provenientes da Argélia aumentou 28%, alcançando 710.000 pessoas em 2008. A imigração marroquina quase triplicou desde 1975. Os imigrantes nascidos no Marrocos constituem doravante 12% da população imigrante contra 6% em 1975. A imigração dos outros países da África é mais recente. Ela contribui na razão de um quarto do crescimento do conjunto da população imigrante constatada entre 1999 e 2008. São pessoas oriundas principalmente de Camarões, Costa do Marfim e República Democrática do Congo ³ (INSEE, 2012a:7).

³ Tradução livre da autora nessa e em todas as outras passagens onde o texto não possui versão em português.

Na Figura 1 observa-se a evolução do número de imigrantes na França por país de origem, destacando-se em azul mais claro a imigração proveniente do Maghreb:

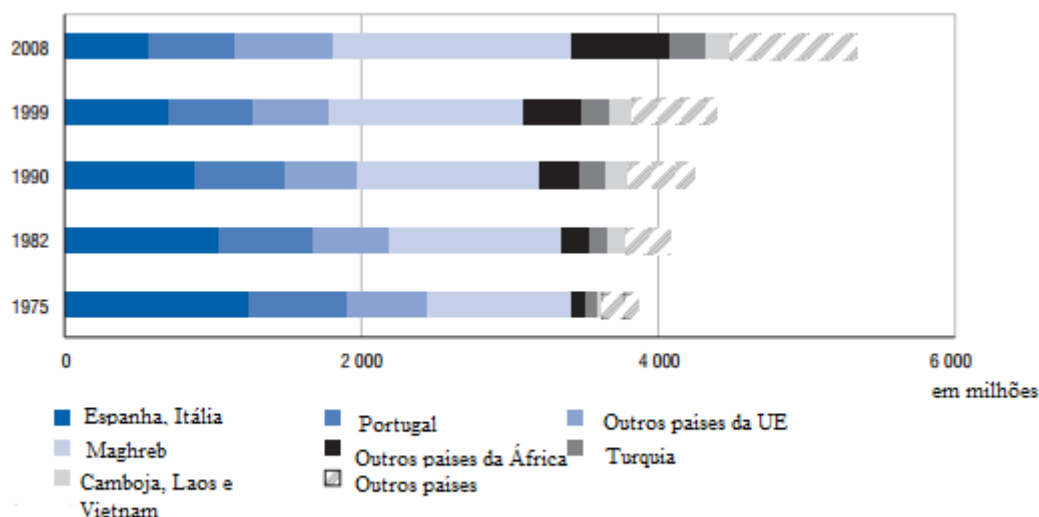


Figura 1: Evolução do número de imigrantes por país de origem. Fonte: Fiches Thématiques: Population Immigrée (INSEE, 2012a, p.8). Adaptação da autora.

Dados do ano de 2008 (INSEE, 2008) evidenciam a taxa de desemprego relacionada à nacionalidade: entre os franceses temos 7%, ao passo que dentre os oriundos de fora da União Europeia, 19%. Segundo dados do INSEE (2012b) o departamento de Seine-Saint-Denis apresentava em 2009 mais de um milhão e meio de habitantes, e uma taxa de desemprego média de 16,5%. Dois anos antes, registrou-se 322.712 pessoas imigrantes no departamento de Seine-Saint-Denis, sendo que entre eles estão 53.825 argelinos, 31.308 marroquinos e 15.003 tunisianos, o que representa 31% dos imigrantes totais. Destacamos também a intensa e recente imigração proveniente do Mali, com 20.574 pessoas (INSEE, 2010).

Já Clichy-sous-Bois (Figura 2) conta com 38,6% de sua população com idade abaixo de 20 anos, superando de longe a média do departamento de Seine-Saint-Denis de 28%. Embora haja em Clichy-sous-Bois um grande potencial de mão de obra, sua taxa de desemprego é elevada. Segundo dados do INSEE (2012b, p. 8), 22,3% da população entre 15 e 64 anos está desempregada, chegando a representar 24% entre as mulheres de 15 a 64 anos. Outra característica de Clichy é a disparidade da escolaridade entre seus habitantes. Segundo dados de 2011, 95,5% dos jovens até 17

anos apresentam algum tipo de diploma, o mesmo não acontece com a população acima dos 30 anos: apenas 1,6% deles porta algum tipo de diploma (INSEE, 2011a, p. 9).

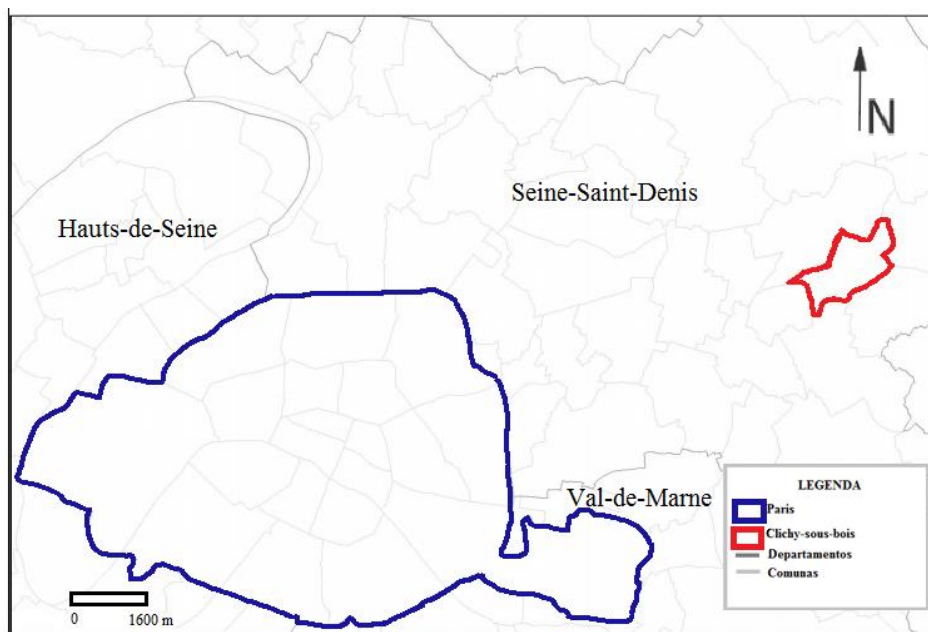


Figura 2: Localização de Paris e Clichy-sous-Bois. Fonte: Système d’Information Géographique. Adaptação da autora.

Conforme explicação do INSEE:

Em 2006, mais de um em dez habitantes da Île-de-France reside em uma das 157 zonas urbanas sensíveis (ZUS) que conta a região, sendo 1 278 300 pessoas no total. Esses bairros prioritários localizam-se nas zonas particularmente tocadas pela precariedade social e pobreza. Assim, aproximadamente um a cada quatro moradores de Île-de-France [25%, diga-se] mora em Seine-Saint-Denis. É igualmente nesse departamento que a parte da população residente nas ZUS é a mais importante: 20%, contra 6% em Paris (INSEE, 2011:1).

Pode-se dizer então que o departamento de Seine-Saint-Denis destaca-se não somente por ter se tornado receptor da população imigrante e seus descendentes, mas também pela grande concentração de habitações localizadas nas ZUS — caso de Clichy-sous-Bois. Percebe-se que ZUS são extremamente importantes, sobretudo na demanda de habitações sociais. Segundo documento de Clichy, existe atualmente pedido para mais de um milhão e seiscentas mil moradias sociais, sendo que metade delas somente na região de Île-de-France. A comuna de Clichy possui a demanda atual de 2.700 solicitações segundo os dados de sua prefeitura. Ainda que este pleito continue alto, 33% das moradias situadas em Clichy-sous-Bois são consideradas habitações sociais, o

que representa cerca de três mil e duzentas moradias (CLICHY, 2014b: 10) e, portanto, obedece à lei Solidariedade e Renovação Urbana (SRU), que exige que pelo menos 25% das moradias sejam destinadas ao interesse social. Entretanto, esta lei não é respeitada por todas as cidades - sobretudo as que possuem população mais abastada, como é o caso de Neuilly-sur-Seine, que prefere pagar multa a receber este gênero de projeto (MANAC'H, 2011).

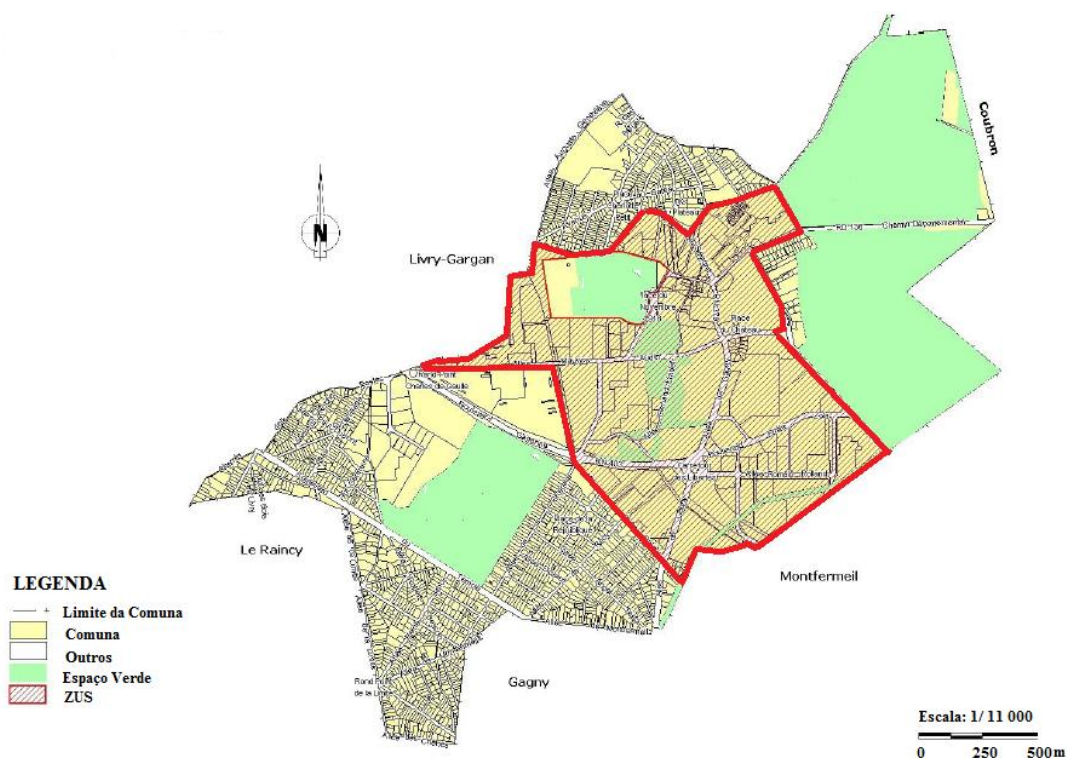


Figura 3: Comuna de Clichy-sous-Bois, com destaque para sua Zona Urbana Sensível (em vermelho). Fonte: Clichy-sous-Bois (2014a). Adaptação da autora.

Clichy-sous-Bois também é palco de outras políticas habitacionais pela Agência Nacional para a Renovação Urbana (ANRU), bem como do processo de “renovação urbana”, termo que se refere à construção de novas habitações, reformas de outras e renovação dos equipamentos públicos e comerciais (CLICHY, 2014c). Pensado pela ANRU com a anuência da prefeitura de Clichy, o projeto teve início em 2002 ao custo de um bilhão e setecentos milhões de reais. De acordo com o discurso político oficial, essa reestruturação reforçaria políticas públicas de coesão econômica e social vinculadas à criação de empregos, segurança, inserção social e implantação de meio de transporte visando melhor integração de Clichy-sous-Bois às outras cidades (CLICHY, 2014c:1). Todavia, casos de irregularidades nas instalações elétricas, insetos, umidade

e outros aspectos que contribuem para uma habitação que não preza pela saúde e pela segurança dos moradores são denunciadas na revista bimestral da cidade, editada pela própria prefeitura *clichoise* (CLICHY, 2014b).

Dada a relevância do tema habitação para os que vivem em Clichy, cumpre mencionar as *copropriétés*, conjuntos habitacionais verticalizados que tiveram grande funcionalidade com a urbanização intensiva em Clichy a partir da década de 1950. Com o passar do tempo, algumas *copropriétés* se degradaram, exigindo atenção especial do Estado francês e da *Agence Nationale de l'Habitat* (ANAH, 2014). Assim, a partir de julho de 1994 foram postas em prática as *Opérations Programmées d'amélioration de l'habitat* (OPAH). Segundo a ANAH, uma das funcionalidades da OPAH *Copropriété* é a busca por melhorias nos espaços externos, ou seja, na parte estética dos *logements sociaux* (moradias sociais) presentes nesses grandes conjuntos verticalizados, assim como acompanhamento social dos moradores e realojamentos.

Existem hoje 14 *copropriétés* em Clichy-sous-Bois. Dentre elas, nove estão sob os cuidados da OPAH e quatro sob os auspícios do *Plan de Sauvegarde*, como é o caso de *Chêne Pointu* (Figura 4), que seria uma intervenção pública ainda mais intensa sobre as *copropriétés* mais problemáticas, isto é, onde as condições de vida são ainda mais precárias que as demais no que concerne à segurança e aos serviços de manutenção das moradias. Em Clichy, somente uma *copropriété* não está sob a guarda das opções acima identificadas.

A respeito da presença de transportes públicos em Clichy-sous-Bois, observa-se que a opção de um metrô que a conecte às áreas com maiores oportunidades de trabalho é inexistente. O único transporte público que chega a Clichy é o ônibus, embora exista a previsão da chegada do *tramway* para 2019 e uma linha de metrô, além de um aumento na construção de habitações sociais e maior diversificação de equipamentos urbanos. Tais perspectivas inserem-se em um projeto ainda maior, denominado *Grand Paris Express*. Porém, será necessário esperar até o ano de 2030 (CLICHY, 2015: 1-2).

Enfim, a dimensão simbólica possui papel de extremo relevo no entendimento do tema em tela. Afinal, dificilmente poderemos falar em *liberdade* e *igualdade* enquanto o simples fato de ser estrangeiro atrapalhar o ingresso dos imigrantes no mercado de trabalho.



Figura 4: Um dos edifícios de Chêne Pointu em Clichy-sous-Bois. Registro pessoal, 17 de março de 2014.

Segundo o INSEE (2008), nas tentativas em busca de emprego a discriminação é mais frequente quando estamos diante dos imigrantes provenientes da África:

8% dos imigrantes estimam que um emprego foi-lhes recusado de forma injusta em virtude de sua origem estrangeira. De cada três casos, em dois deles a recusa foi precedida de uma entrevista frente ao empregador. Tal sentimento é particularmente forte nos imigrantes originários da África subsaariana (15%), que declaram com mais frequentemente que também já foram tratados de maneira injusta por seu empregador, superior hierárquico ou pelos colegas (14%, contra 9% do conjunto dos imigrantes que já tiveram um emprego na França). Este é também o caso, em menor escala, dos imigrantes oriundos do Maghreb (11% para os dois tipos de discriminações sentidas [acima identificadas]). Por outro lado, tais sentimentos raramente acontecem dentre os imigrantes da Europa e da Ásia (INSEE, 2008: 9).

Mas, afinal, se não há liberdade, igualdade e fraternidade na *République Française*, o que difere os imigrantes, principais acometidos pela desigualdade, dos franceses? Sua identidade, cultura, traços étnicos, religião? Seriam esses os motivos pelos quais as disparidades existem? Isso não leva a crer que os elementos simbólicos agem diretamente na constituição dos territórios. O texto a seguir nos fornece algumas pistas:

Enquanto a economia globalizada torna os espaços muito mais fluidos, a cultura, a identidade, muitas vezes re-situam os indivíduos em micro ou mesmo mesoespaços (regiões, nações) em torno dos quais eles se agregam na defesa de suas especificidades histórico-sociais e geográficas. Não se trata apenas de que estamos genericamente, “agindo mais sobre as imagens, os simulacros dos objetos, do que sobre os próprios objetos”, como afirma Raffestin. A exclusão social que tende a dissolver os laços territoriais acaba em vários momentos tendo o efeito contrário: as

Zélia Aurea Thomaz, *O Dilema Sócio-Espacial na Banlieue Parisiense: O Caso de Clichy-Sous-Bois Sob a Ótica dos Alunos do Lycée Alfred Nobel*

dificuldades cotidianas pela sobrevivência material levam muitos grupos a se aglutinarem em torno de ideologias e mesmo de espaços mais fechados visando assegurar a manutenção de sua identidade cultural, último refúgio na luta por preservar um mínimo de dignidade (HAESBAERT, 2012: 92).

Seria então Clichy-sous-Bois, de certa maneira, um mesoespaço, onde os indivíduos se agregam na defesa de suas particularidades histórico-sociais? Os espaços mais fechados que asseguram a manutenção de sua identidade cultural seriam as *banlieues*? Sendo a população da Zona Urbana Sensível de Clichy-sous-Bois composta majoritariamente pelos imigrantes e seus descendentes, a exclusão sócio-espacial não reforçaria ainda mais seus traços culturais, fenômeno que o governo e parte da sociedade francesa parecem tentar impedir?

Enfim, ensaiar compreender o tema dos migrantes magrebinos em Clichy significa ser capaz de articular cultura, política e representações sociais. Pensando assim, fomos investigar a percepção dos moradores locais a respeito; para tanto, optamos por recolher depoimentos de estudantes de uma escola local.

A integração dos imigrantes e seus descendentes é possível? A visão dos alunos do Lycée Alfred Nobel

Em março de 2014 realizamos nosso trabalho de campo no Lycée Alfred Nobel — equivalente ao ensino médio brasileiro —, único estabelecimento de ensino em Clichy-sous-Bois que, limítrofe ao município de Montfermeil, atende estudantes de ambas os lugares e, ainda, do restante do departamento de Seine-Saint-Denis⁴, Seine-et-Marne e outros (LYCÉE ALFRED NOBEL, 2013).

O Liceu Alfred Nobel dispõe dos mais variados planos a fim de atrair o maior número de possível de estudantes: literatura, fotografia, cinema, teatro, música (inclusive o rap), dança, jogos, viagens, cidadania, saúde, história e memória, grafite, jornal escolar, esportes e atividades físicas (basquete, judô, badminton, futsal, musculação, *step*). Outros projetos desenvolvidos no Liceu também chamaram nossa atenção, tais como o encontro com o cientista e ex-ministro argelino Mohamed Djébar, que explorou a influência árabe nas ciências, e a conferência com o importante historiador

⁴ Mais conhecido por ser o departamento de número 93.

Benjamin Stora, convidado a abordar as memórias da Guerra da Argélia. Isso demonstra que a escola está atenta à questão imigratória e aos seus efeitos na vida dos estudantes. Também nos foi disponibilizado para essa pesquisa o *Bilan Annuel*, espécie de Projeto Político-Pedagógico da escola feito a cada dois anos e cuja última atualização deu-se em 26 de setembro de 2013. Este documento relata qualitativa e quantitativamente a gestão realizada na escola em 2013, além de indicar apontamentos para o ano seguinte.

Contudo, a principal iniciativa da escola foi, a partir da ideia de uma professora de língua francesa do próprio Liceu, Sylvie Cadinot-Romerio, fazer um livro escrito pelos próprios alunos: em co-autoria com o escritor francês Tanguy Viel, *Ce Jour-là* descreve, em estilo ficcional, as experiências e os desafios dos jovens estudantes (LYCÉE ALFRED NOBEL, 2013). Tal empreitada ganhou notoriedade midiática e também entre órgãos do poder público como a *Academie de Créteil* e o *Ministère des Droits des Femmes, de la Ville, de la Jeunesse et des Sports*. Durante seis meses, os alunos acolheram o romancista Tanguy Viel para redigir com ele uma espécie de romance da cidade. Mistura de fatos e de ficção, personagens se entrecruzam e se tocam em temas como *cotidiano, identidade, preconceito, estigmatização, amor e solidariedade*:

“Clichy-sous-Bois é a cidade que não se ousa mencionar. Sendo uma das cidades mais arborizadas na França segundo o Censo, bem pessoalmente, não há nenhuma árvore perceptível. Vejo, unicamente, torres. Isso começa desde a declividade do terreno do centro comercial Leclerc até o centro comercial de Bruyère. Uma cidade-dormitório, ocupada pelo resto da Île-de-France, com uma enorme reputação após os eventos de 27 de outubro de 2005. Essa cidade é maldita, tudo é rígido como se ela estivesse bloqueada há trinta anos. Não é preciso mentir, nós estamos imersos em uma situação precária. E, para sair disso, certas pessoas se inserem no ilícito e tudo termina em acertos de contas e nas mães que perdem seus filhos. Eu conheço mães assim, bem como garotos que vendem drogas, isso se chama *bicrave* aqui. Eu praticamente cresci com eles, eles estão sempre embaixo de onde moro, próximos aos muros ou dentro de um carro, um Clio branco; mais precisamente, por que faz cinco anos que ele serve de abrigo à noite, com música ao fundo. Porém, eu amo isso, pois a partir das 23h minha cidade transforma-se em karaokê. Eles cantam, dançam, bebem, se divertem. E quando eu durmo fora, bem, isso me parece muito estranho porque às 23 horas não há música. Isso quase me faz falta porque é como se fosse uma canção de ninar para mim. No verão, eles fazem churrasco ao ar livre, o vendedor de sorvete chega com sua melodia. A gente reconhece sua chegada quando todas as crianças começam a gritar e eu amo isso. Apesar de todas as coisas ruins que há aqui, eu não poderia jamais partir daqui. Tudo isso é meu cotidiano, tudo isso está no meu hábito de vê-los nos bancos quando eu vou ao Liceu, no Simply Market ou mesmo na biblioteca. Eu cresci com eles, são sempre respeitosos e agradáveis. Apesar de suas aparências, eles aprenderam na escola da vida e em nenhum caso eles me

incitaram a fazer o mal ou atividades ilícitas, ao contrário. Eu não posso deixar o cheiro dos *kebabs* e do cigarro que sobe até minha casa, eu não posso deixar os ‘melhores votos de feliz ano novo, saúde’ que eles nos dizem em todo 31 de dezembro, as guerras de estalinho na noite de 14 de julho, as guerras de neve que duram toda a noite. Eu não posso deixar, é isso” (LES ÉLÈVES *et al*, 2012: 12-13).

Por meio desse extrato do livro, algumas características são evidenciadas. Pode-se perceber uma ruptura na paisagem de Clichy conforme o apontamento “não há nenhuma árvore que seja perceptível, vejo unicamente torres”, o que remete aos *grands bâtiments* que ainda se mostram como um símbolo das *banlieues* e da segregação. Paradoxalmente, apesar das “coisas ruins” que existem na comuna, a jovem admite que não poderia sair dali, e justifica seu raciocínio evidenciando alguns traços daquilo que o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan denominou *topofilia* (TUAN, 2013 [1974]).

Em outra passagem, um jovem de 17 mistura presente, passado e futuro:

Eu me chamo Omar, tenho 17 anos e vivo em Clichy-sous-Bois, mais precisamente em Chêne Pointu, uma cidade escura e sem luz. Os edifícios são recobertos de pichações no interior e no exterior insultando a polícia. Na minha cidade, nos aniversários ou no Natal, não há presentes. O único objetivo dos jovens é conseguir dinheiro para os pais, para que eles fiquem orgulhosos de nós. Se eu parar a escola, não será para trabalhar, porque procurar trabalho aqui é como procurar uma agulha em um palheiro. Vejo pelos outros. Eles passam seus dias procurando um trabalho sem nenhum resultado e os patrões os ridicularizam quando dizem que vêm de Clichy-sous-Bois. Frequentemente eu perco meu tempo debaixo do prédio, e como dizem no bairro, em meus muros. Mas meu pai briga comigo, diz que não é para perder meu tempo assim, que a polícia pode nos parar por nada. A delegacia está sendo construída. O Estado pensa que é uma boa coisa, mas, para mim, isso pode apenas agravar as coisas. (LES ÉLÈVES *et al*, 2012: 64-65, tradução minha)

O relato de Omar, morador do maior conjunto habitacional de Clichy-sous-Bois, *Chêne Pointu*, caracteriza sua *cité* como “uma *cité* escura e sem luz”. Os prédios, seja no seu exterior como no seu interior, estão rabiscados com insultos à polícia. Interromper os estudos também não é a solução, pois arrumar emprego em Clichy, segundo o relato, não é uma atividade trivial, e aqueles que o fazem são ridicularizados ao mencionar sua origem. Relativo à chegada da Polícia (a delegacia foi construída em 2010), o jovem demonstra dúvidas sobre sua eficácia.

Enfim, as passagens anteriormente mencionadas apontam que ao valorizar a realidade cotidiana do aluno, atribuindo-lhe importância e realizando projetos que lhe envolvam como *sujeito*, o estudante se reconhece na escola, admitindo-a como espaço privilegiado para que ele próprio se assuma como produtor de conhecimento e intérprete de sua vida. Em termos especificamente geográficos, Clichy-sous-Bois, pela problemática urbana que lhe envolve, oferece múltiplas possibilidades. Entretanto, inspirados pela hermenêutica, não nos interessava o estudo da *banlieue* pela *banlieue* ou dos *clichoisés* pelos *clichoisés*, mas, sim, em como tais elementos interagem, quer sob a ótica da ficção, quer sob o signo da harmonia. Para tanto, podem ser muito úteis os conceitos de *território* e *lugar* (cf. CAVALCANTI, 2008:145).

Pensando assim, tivemos a oportunidade de realizar uma intervenção na escola supracitada, visando recolher depoimentos de vinte e quatro jovens alunos entre 15 e 17 anos. Elaboramos um total de sete perguntas, que deveriam ser respondidas sob a forma de uma redação. Ei-las:

1. *Quem eu sou?;*
2. *O que Clichy-sous-Bois representa para mim? E para os outros?;*
3. *O que Paris representa para mim? E para os outros?;*
4. *Como compreender a questão da migração, sobretudo a magrebina na França? Haveria integração?;*
5. *Haveria influência cultural magrebina na França?;*
6. *O que você considera como sua cultura?;*
7. *O que você espera do seu futuro?*

“o que vem à tona são as ambiguidades da questão nacional, pois, mesmo possuindo nacionalidade francesa, seu país é o Marrocos, Clichy é sua cidade no sentido do pertencimento e Paris parece um pouco distante...”



Figura 5. Intervenção no Lycée Alfred Nobel. Registro pessoal feito em 25 de março de 2014.

Dos vinte e quatro relatos, só um pertencia a um estudante filho de pais nascidos na França. Quatro alunos vieram do Mali, Guiana, Congo e Índia e a maioria proveniente do Maghreb ou filhos de magrebinos, sobretudo da Argélia e do Marrocos. Destaque-se, portanto, a importância do debate multicultural que já existe na cidade e o papel da escola refletindo essa riqueza cultural.

De modo geral, os depoimentos apontam o tratamento de Clichy-sous-Bois como lugar que, quando visto por outras pessoas, é bem distinto da concepção de lugar de quem ali vive. Tais testemunhos revelam alguns traços da complexa situação aos quais os jovens de origens magrebinas são submetidos, tais como racismo, preconceito, estigmatização e hostilidade. Verifica-se também que alguns jovens assumem a centralidade de Paris, enfatizando-a para fins de passeio e de lazer, mas também, como território de menor integração com os imigrantes.

Atentemos para um discurso:

Eu me chamo Sofia, tenho 17 anos. Sou de origem argelina. Nasci na França, em Montfermeil. Moro em Clichy-Sous-Bois. Minha mãe nasceu na França, meu pai na Argélia. Sou argelina e francesa, mas aqui na França há muito racismo e eu estou engajada em lutar contra isto. Independente de ter nascido na França, mas de origem magrebina, nós devemos nos integrar aqui na França, mas existe um racismo enorme. Acho Clichy-sous-Bois uma cidade muito boa, pois há todas as origens e sinto-me bem nesta cidade. Há muitos estrangeiros e eu acho isso muito bom. Sou de origem muçulmana e conheci muito racismo seja no Liceu, seja na rua, o que é uma pena. A França não é um país de liberdade!!!

Lemos a tensão entre integração e exclusão, aceitação e rejeição, algo que é sentido com mais intensidade quando se tem apenas 17 anos. Consciente das dificuldades a serem enfrentadas, a jovem gosta do lugar onde vive, mas sente na pele que alguns rejeitam suas raízes e sua religião. Para lançar mão de uma linguagem eminentemente geográfica, territorializada de um lado, desterritorializada de outro, angustiada portanto.

Em outro depoimento, um aluno que não quis se identificar expõe sua interpretação da relação entre Clichy-sous-Bois e Paris:

Clichy-sous-Bois é a cidade onde eu cresci, eu me sinto bem aqui, é para mim uma referência. Sempre vivi em Clichy. Em Paris não é parecido. Geralmente quando vou a Paris é para ir aos restaurantes, sair, passear, mas eu prefiro Clichy à Paris. Não poderia viver em Paris. Na França, em Clichy, os magrebinos estão muito bem e facilmente integrados, mas em Paris, em certos bairros, a integração é difícil, mas os magrebinos vêm cada vez mais para a França.

40

Percebe-se nesse relato um indicativo que Paris possui uma importância para quem mora na *banlieue*, sendo a cidade de passeio, diversão. Mesmo que Clichy não possua os “atrativos” parisienses, o aluno declara que não poderia viver em Paris e, embora não explicita os motivos, podemos imaginar que ele se sente um tanto quanto deslocado na cidade-luz. Outro ponto a ser destacado nos remete à integração dos magrebinos que, para esse aluno, aconteceria sem maiores problemas (testemunho que parece ser exceção em relação aos demais), ao passo que em algumas partes de Paris a integração não é fácil.

Em outra abordagem:

Eu me chamo Shara, tenho 16 anos e estudo em Clichy-sous-Bois, mas nasci em Bondy na França. Tenho origens indianas e meus pais nasceram em Madagascar, uma ilha ao lado da África. Sou de nacionalidade francesa e vivo em Clichy-sous-Bois com meus pais e meu irmão. Sou próxima do meu pai e da minha mãe, mas também do meu irmão. Hoje estou no Liceu, mas não sei o que desejo fazer mais tarde. Talvez ir para o exterior, não sei ainda. Para mim, Clichy-sous-Bois representa minha cidade de infância, mas também a de hoje. Eu sempre morei aqui. Paris representa para mim a capital do meu país, vou lá para visitar, passear. Acho que os magrebinos são bem integrados, sobretudo na *banlieue*.

Vários elementos chamam nossa atenção aqui. Primeiramente, trata-se de uma leitura de quem não possui origem magrebina. A maneira como se referenciou à Clichy também é interessante, pois aborda a cidade em suas temporalidades passada e

presente. Uma frase merece destaque: “os magrebinos são bem integrados, sobretudo na *banlieue*”, ou seja, a clara noção da espacialização da integração imigrante.

Para os outros, Clichy é um *bidonville* e uma cidade muito pobre com a “*racaille*” (pessoas que são agressivas, ruins e que fazem muitas besteiras, que fumam...). Paris é uma cidade como qualquer outra. Para os outros, Paris é uma cidade rica, bela e grande. Existem também influências na alimentação magrebina e na língua. Nossa cultura são as danças, festas e a alimentação.

Impossível ler essas palavras e não lembrar do discurso proferido pelo então presidente Nicolas Sarkozy em 2005, identificando os jovens exatamente com o vocábulo *racaille* - algo que, certamente, o estudante discorda. O termo *bidonville* - moradias degradantes - também não pode ser considerado algo positivo.

Independente da representação promovida pelos *outros* (vide acima) ou por *alguns* (vide abaixo), bem como do preconceito e dos empecilhos à integração social, a relação de afeto com Clichy continua presente, conforme lemos no depoimento a seguir:

Clichy é a cidade onde moro e eu a amo muito, as pessoas são agradáveis e ninguém é agressivo como pensam alguns. A integração na França não é fácil para todo o mundo, pois há que adaptar-se a uma nova cultura, a novos modos de vida. Os magrebinos são vítimas de numerosos preconceitos.

No relato seguinte, o que vem à tona são as ambiguidades da questão nacional, pois, mesmo possuindo nacionalidade francesa, seu país é o Marrocos, Clichy é sua cidade no sentido do pertencimento e Paris parece um pouco distante, embora interessante por um certo glamour e pelas possibilidades de consumo:

Me chamo Nadia, moro em Clichy-sous-Bois, tenho 17 anos. Sou marroquina de nacionalidade francesa, meu país é o Marrocos. O que Clichy-sous-Bois representa para mim? Clichy é a cidade onde eu cresci, é a minha cidade. Paris é muito “chique”, muito “rica” e “romântica”, mas eu gosto dela porque há muitas lojas. Como compreender a questão da migração, sobretudo a magrebina na França? A migração pode ser explicada pelo fato que se quer trabalho na França. Haveria influências culturais magrebina na França? Sim: os restaurantes, a cultura, as tradições. O que você considera como sua cultura? Minha cultura é a tradição marroquina, os pratos marroquinos.

Os textos seguinte guarda certa correspondência:

Há um pouco de integração, mas não muita, pois há muito racismo e os franceses não gostam de se misturar com os imigrantes. Penso que sim, nossa cultura magrebina mudou a França, agora há mais cultura magrebina na cozinha, na língua e na dança.

Em mais um testemunho:

Zélia Aurea Thomaz, *O Dilema Sócio-Espacial na Banlieue Parisiense: O Caso de Clichy-Sous-Bois Sob a Ótica dos Alunos do Lycée Alfred Nobel*

Clichy representa um lugar de vida onde eu posso encontrar muitos amigos de uma enorme diversidade cultural e, assim, aprender muitas coisas sobre diferentes culturas. Todo mundo se conhece em Clichy e se aceita. Para os outros, Clichy é uma zona perigosa onde há somente imigrantes e delinquentes. Penso que Paris é muito cara, um pirulito lá é um euro. Mas amaria viver lá mais no futuro, pelo seu dinamismo e suas belas ruas. Penso que há muito preconceito sobre os magrebinos, por exemplo, que eles são ladrões. Entretanto, são pessoas muito acolhedoras e que adoram compartilhar.

Enfim, o exposto nas páginas anteriores permite-nos entrever parte dos dilemas sociais, econômicos e culturais dos jovens “des-re-territorializados” do Liceu Alfred Nobel. Embora o questionário aplicado tenha direcionado as respostas, temas como integração, exclusão, habitação e aceitação social fazem parte do cotidiano dos *clichoisés*. No entanto, como mudar a questão do preconceito que assola os imigrantes magrebinos? Quando a sociedade francesa admitirá que a diversidade cultural dos imigrantes enriquece a própria França como um todo? Como aprender a valorizar a fortuna imaterial de Clichy-sous-Bois?

Considerações finais

Ainda em estágio inicial, a pesquisa em tela busca entender a conjuntura geográfica de Clichy-sous-Bois, comuna mundialmente célebre após manifestações de imigrantes contra o governo francês no ano de 2005. Poder-se-ia mencionar algo como uma fratura de natureza, digamos, pós-colonial? De toda maneira, estamos diante de uma realidade assaz complexa que envolve não somente a constituição de relações territoriais hierarquizadas no processo de urbanização completa da sociedade, mas, também, de tensões simbólico-culturais entre pares notadamente caricaturais como nativos e estrangeiros, locais e “de fora”, “nós” e “eles”. Para nós, é nítido que a Geografia não pode contentar-se apenas com os elementos materiais, pois, no caso supracitado, a periferia surge não somente como problema urbano, mas, sim, como problema identitário que descortina tópicos como *nacionalismo*, *eurocentrismo*, *religiosidade* e *civilização*, por exemplo.

No interior desse quebra-cabeças a escola revela todo seu potencial de espaço privilegiado tanto para reflexão quanto para solução dos dilemas aqui esboçados. Destaque, portanto, para o corpo docente e diretor do Liceu Alfred Nobel, cujos

projetos e cotidiano expõem os conflitos da vida social suburbana parisiense. Atitudes como a deste Liceu nos fazem esperar uma França mais receptiva aos anseios dos jovens cidadãos manifestados acima, bem como uma convivência mais igualitária seja em termos econômicos, seja em termos simbólicos.

Agradecimentos

Ao nosso orientador Marco Antonio Sampaio Malagodi (UFF-Campos dos Goytacazes) pelos ensinamentos e atenção e ao professor Guilherme Ribeiro (UFRRJ) pelas sugestões e indicações de leitura. Ao Lycée Alfred Nobel em Clichy-sous-Bois, especialmente ao monsieur Dominique Pouchain por acreditar nos objetivos da pesquisa; à madame Pancrate por ceder sua turma para interlocução; à *provisseure* Catherine Manciaux e, claro, aos alunos do Lycée Alfred Nobel, que nos acolheram e dialogaram conosco enriquecendo sobremaneira a presente investigação.

Referências Bibliográficas

- AGENCE NATIONALE DE L'HABITAT - ANAH. Types de programmes. Disponível em: <http://www.lesopah.fr/programmes/opah-copro.html>. Acesso em 18 fev. 2014.
- CAVALCANTI, L. S. . A Geografia Escolar e a Cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas-SP: Papirus, 2008. 190p .
- CLICHY-SOUS-BOIS. La ville, ses atouts. (2014a) Disponível em <http://www.clichy-sous-bois.fr/La-ville/Ses-atouts>. Acesso em 13 fev. 2014.
- CLICHY-SOUS-BOIS. Logement social: Qui fait quoi? Le Mag, Clichy-sous-Bois, dec-jan. (2014b) Disponível em: <http://www.clichy-sous-bois.fr/Publications-magazine-et-guides/Clichy-sous-Bois-Le-mag-96-decembre-2013-janvier-2014>. Acesso em 03 fev. 2014.
- CLICHY-SOUS-BOIS. Le programme de rénovation urbaine du « haut Clichy. (2014c) Disponível em: <http://www.clichy-sous-bois.fr/Grands-projets/Le-programme-de-renovation-urbaine-du-haut-Clichy>. Acesso em 20 fev. 2014.
- CLICHY-SOUS-BOIS.. Disponível em <http://www.clichy-sous-bois.fr/Grands-projets/Les-projets-de-desenclavement>. Acesso em 14 jun 2015.

COSNAY, F. Comment les banlieues ont flambé. Europe 1, Paris, 27 out 2010. Disponível em <http://www.europe1.fr/france/comment-les-banlieues-ont-flambe-297603>. Acesso em 13 jun 2015.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade (7a edição). 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. v. 1. 396p .

INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES – INSEE (France). Langue, diplômes: des enjeux pour l'accès des immigrés au marché du travail. 2008a. Disponível em: http://www.insee.fr/fr/themes/document.asp?ref_id=ip1262#inter3. Acesso em 08 fev. 2014.

INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES – INSEE (France). Population par sexe, âge et nationalité au Département de la Seine-Saint-Denis (93). 2010. Disponível em: http://www.insee.fr/fr/themes/tableau_local.asp?ref_id=NAT1&millesime=2010&niveau=3&nivgeo=DEP&codgeo=93 Acesso em 08 fev. 2014.

INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES – INSEE (France). Commune de Clichy-sous-Bois (93014) - Dossier complet. 2011a, 16p. Disponível em: <http://www.insee.fr/fr/themes/comparateur.asp?codgeo=com-93014>. Acesso em 14 jun 2015.

INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES – INSEE (France). Les ZUS franciliennes: um paysage contrasté. 2011b, 9p. Disponível em: http://www.insee.fr/fr/insee_regions/idf/themes/alapage/alap356/alap356.pdf. Acesso em 05 fev. 2014.

INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES – INSEE (France). Fiches Thématiques: Population Immigrée. 2012a, 42p. Disponível em: http://www.insee.fr/fr/ffc/docs_ffc/ref/IMMFRA12_g_Flot1_pop.pdf. Acesso em 02 fev. 2014.

INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ETUDES ECONOMIQUES. Évolution et Structure de la population. 2012b. Disponível em: http://www.statistiques-locales.insee.fr/FICHES/DL/DEP/DL_DEP93.pdf. Acesso em 21 abr. 2014.

INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ETUDES ECONOMIQUES. Populations légales en vigueur à compter du 1er janvier 2014. 2014. Disponível em <http://www.insee.fr/fr/ppp/bases-de-donnees/recensement/populations-legales/pages2013/pdf/dep93.pdf>. Acesso em 21 abr. 2014.

LES ÉLÈVES DU LYCÉE ALFRED NOBEL; VIEL, T.. Ce Jour-Là. Ed. Joca Seria, 2012.

LYCÉE POLYVALENT ALFRED NOBEL. Bilan Annuel 2012-2013, Projets 2013-2014. Académie de Créteil, 2013.

MANAC'H, E.. À Neuilly-sur-Seine, la ville anti-logements sociaux: Une loi, c'est fait pour être détourné. Politis, 22 jul. 2011.

NOIRIEL, Gérard. À quoi sert "l'identité nationale"? Marseille: Agone, 2007.

ROY, O. Intifida des banlieues ou émeutes de jeunes déclassés Esprit 2005. Disponível em: <http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/0501-ROY-FR-2.pdf>. Acesso em 13 jun 2015.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: EDUEL (2013 [1974]).